

HISTÓRIA DA CAPOEIRA NA REGIÃO DE IMBITUVA-PR: CULTURA NEGRA ENTRE BRANCOS

Jeferson do Nascimento Machado¹

RESUMO: O presente artigo discute a introdução e a prática da Capoeira no município de Imbituva, região Centro-Oeste do Paraná. Ele foi desenvolvido a partir de fontes fotográficas e orais, sob a perspectiva teórico-metodológica de Kossoy e Martins, que se dedicam à análise e ponderações sobre a fotografia, e autores como *Alberti e Meihy*, que trabalham com a História Oral. Tem-se observado que o interesse manifestado pela Capoeira no município de Imbituva e região expressa uma pluralidade cultural, o que se contrapõe à construção e reprodução da ideia de, primeiramente, um Brasil diferente e, não menos importante, de um Brasil fragmentado, sem elos de identidade. Assim sendo, a Capoeira surge como um desses elementos agregadores da nação, que atravessou o país, de norte a sul e leste a oeste, e contribuiu o fato de elementos que compõe uma identidade comum, que torna todos brasileiros. Para tanto, o texto trata da história da capoeira imbituvense, desde a chegada do primeiro capoeirista, mestre Luiz Baiano, passando por todos os grupos de capoeira até aos dias atuais, onde a capoeira prossegue por meio de Josni Nogueira Ferreira dos Santos.

PALAVRAS-CHAVE: Capoeira; Imbituva; Fotografia; Cultura; Identidade.

INTRODUÇÃO

Este texto foi desenvolvido como Trabalho de Conclusão de Curso em História – Licenciatura, pela Universidade Estadual Centro-Oeste, no ano de 2016. A pesquisa foi realizada sob orientação da Professora Dra. Ana Maria Rufino Gillies² e buscou discutir a introdução e a prática da Capoeira no município de Imbituva, região Centro-Oeste do Paraná.

Em termos gerais, o presente texto é fruto da coleta de dados - tanto de fontes orais como fotográficas - sob a ótica de pesquisadores como Boris Kossoy e José de Souza Martins, que se dedicam à análise e discussões sobre a fotografia, e historiadores como *Verena Alberti e Carlos Sebe Bom Meihy*, que trabalham com a História Oral, tendo por objetivo a inserção da capoeira na historiografia imbituvense.³

Em termos específicos, o texto emerge como antítese de um Paraná diferente, europeu, o qual foi constantemente reproduzido na sociedade por meio da “cultura política” do Paranismo. A “cultura política” conforme Berstein (1997), *apud* Barros:

Constitui um conjunto coerente em que todos os elementos estão em estreita relação uns com os outros, tendo por componentes fundamentais uma “base filosófica ou

¹ Licenciado em História pela Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO) e mestrando em História e Regiões no PPGH pela UNICENTRO. E-mail: jeferson075@gmail.com

² Professora adjunta de História da Universidade Estadual do Centro-Oeste Campus de Irati e Chefe do Departamento de História desta mesma instituição.

³ Até então a capoeira foi ignorada, tanto pelos jornais da cidade como pelos escritos históricos ou mesmo pela política. No entanto, mesmo ela sendo ignorada e colocada ao lado em contraposição a outros esportes e culturas, ela foi e vem sendo atuante na história da cidade, seja pelo caráter social ou mesmo por sua capacidade de ocupar os espaços e praticá-lo, oferecendo uma estética agradável aos transeuntes.

doutrinal”, frequentemente colocada à disposição da maior parte de seus participantes. Trata-se de uma leitura comum do passado histórico, uma visão institucional que se traduz através de uma organização política, uma concepção de sociedade ideal, um discurso codificado com vocabulário próprio, além de ritos e símbolos que estabelecem um plano de representação para a cultura política em questão. (BARROS, 2011, p. 45)

Esta cultura política paranaense, fundada pelo Paranismo⁴, é uma noção que ainda paira sobre a mentalidade de muitos conterrâneos. A idéia de um Paraná europeu veio se construindo ao longo dos processos históricos, sobretudo pelo movimento denominado Paranismo, que idealizou um Paraná branco, cristão e de culturas afins. Devido à contínua reiteração, esse discurso oficial, que corresponde à história das elites, interiorizou-se em muitos paranaenses e vem manifestando-se na negação do outro⁵. Conforme, Alessandro Batistella (2012, p.11) “a ideologia elitista do Paranismo impõe uma violência simbólica a alguns grupos étnicos, sobretudo os afro-descendentes e os indígenas, que são simplesmente excluídos da história local e destituídos do direito à memória.” Assim sendo, a Capoeira, por ter um vínculo forte com o continente africano, tendo nascido no norte do Brasil, se opõe à ideologia Paranista, mostrando a pluralidade da cultura paranaense. Apesar de existir certo silenciamento em relação à capoeira paranaense, que é verificada no “não dito” dos jornais, dos escritos históricos e da política, na sociedade paranaense ela se faz presente no cotidiano, sendo parte integrante da diversidade cultural do Estado.

O discurso do Paranismo é excludente, pois não aceita a diversidade identitária que paira no solo paranaense. Em suma, o Paranismo: “Impõe a todos os paranaenses (não importando a qual grupo étnico, cultural, religioso, social, etc. pertençam) uma homogeneização identitária e cultural que, na verdade, representa a história/memória e a identidade das elites que o inventaram.” (BATISTELLA, 2012, p.11).

Deste ponto de vista, podemos dizer que há uma necessidade de mostrar a evidência da pluralidade nas práticas culturais, e como o Paraná vêm se construindo em contraponto a este discurso construído. Não há como pensar em um Paraná com demarcações naturais e um padrão identitário bem definido, pois a realidade que se apresenta é a da diversidade.

As fontes aqui usadas foram basicamente duas, as fontes orais e visuais, fotografias. E elas foram escolhidas levando em conta a importância delas para a prática, principalmente no que diz respeito à oralidade que, conforme José Jorge de Carvalho (2011, p. 44), possui

⁴ “O Paranismo foi o resultado de um longo processo de formulação de uma auto-imagem do estado do Paraná, em contraposição às outras regiões do Brasil.” (BATISTELLA, 2012, p.2)

⁵ Entenda-se “outro” como todo aquele que não se enquadra dentro do ideal pré-concebido de um paranaense “verdadeiro”. Este outro é o negro, o índio (ou qualquer pessoa que pratique ou possua afinidades com a cultura negra ou indígena), que foram excluídos da história do Estado ou romantizados (no caso indígena).

grande importância para as culturas populares, sendo “o seu meio predominante de expressão e de transmissão.” Assim sendo, elas são “indispensáveis, dado que a transmissão do conhecimento da cultura da Capoeira se faz, de geração a geração, por meio da tradição oral.” (SALASAR, 2011, p.16).

As fontes orais foram trabalhadas do ponto de vista de que a história oral é um método; assim sendo, ela não será pensada nem como disciplina autônoma e nem como mera técnica (FERREIRA; AMADO, 2006), e nossos referenciais teórico-metodológicos são baseados em Meihy e Alberti. As fotografias foram abordadas sob a ótica de processo de descongelamento de Martins (2009) e Kossoy (2002), no sentido de primeira e segunda realidade.

Em Kossoy (2005), a fotografia é pensada como um “Relógio de Hiroshima”, que congelou os ponteiros do tempo e guarda em si, de forma documental, a “representação” do “tempo vivido” que será interpretado levando em conta que ela não é o retrato fiel da realidade e que as interpretações feitas sempre estarão, conforme salienta Kossoy em sua obra *Realidade e Ficção na Trama Fotográfica* - submetidas a:

Mecanismos internos do processo de construção da interpretação, processo este que se funda na evidência fotográfica e que é elaborado no imaginário dos receptores, em conformidade com seus repertórios pessoais culturais, seus conhecimentos, suas concepções ideológicas/estéticas, suas convicções morais, éticas, religiosas, seus interesses econômicos, profissionais, seus mitos. (KOSSOY, 2002, p.44).

A leitura foi feita levando em conta que, mesmo que a fotografia congele aquele momento, ela deixa elementos que a descongelam quando submetida “para a dimensão da história, da cultura e das relações sociais.” (MARTINS, 2002, p. 224).

HISTORICIZANDO A CAPOEIRA

Para Macul (2008), a capoeira está envolta em grande mistério relacionado à sua origem, de tal modo que surgem três teorias para explicar o seu nascimento. Uma delas diz que a capoeira nasceu na África; outra, diz que a capoeira nasceu em solo brasileiro, desenvolvida e aperfeiçoada entre nós brasileiros; já outros, como mestre Bimba⁶, defendiam que a capoeira era afro-brasileira. Segundo Macul (2008, p.52) Mestre Bimba afirmava que “os escravos sim, eram africanos, mas a capoeira é de Santo Amaro e Ilha de Maré Camarado”. Essa teoria é a mais aceita por grande parte dos estudiosos da capoeira. Mestre

⁶ Manoel dos Reis Machado - vulgo mestre Bimba - foi o criador da Capoeira Regional. Nasceu em 23 de novembro de 1900, em Salvador-BA e faleceu em Goiânia, no dia 5 de fevereiro de 1974.

Sergipe⁷ (2008) também segue esta linha. Para ele, a capoeira nasceu de uma simbiose de danças ritualísticas de origem africana, como o N'golo e a cultura indígena, sendo que o próprio nome Capoeira carrega traços da língua Tupi-guarani. O vocábulo Capoeira teria sido registrado pela primeira vez no Brasil em um livro de gramática guarani, de autoria do Padre José de Anchieta, em 1595, intitulado *A arte da Gramática da Língua mais usada na Costa do Brasil*, onde, para dar um exemplo de concordância verbal, o autor cita a seguinte frase: “Os índios Tupi-Guarani se divertiam jogando Capoeira.” (VIEIRA, 1997, p. 25)

Autores como Carlos Eugênio Líbano Soares focaram seus estudos no século XIX⁸ e conseguiram fazer levantamentos importantes, seja por meio da literatura ou por meio de arquivos policiais da época. Conforme Soares:

Antes de ser descoberta pelos historiadores, há poucas décadas, a capoeira já tinha vivido suas aventuras nas páginas da literatura, dos cronistas, dos memorialistas do passado imperial do Rio de Janeiro. E antes mesmo destes – e de forma muito mais freqüente – num passado remoto, a capoeira só era testemunhada pela pena dos escrivães de polícia. (SOARES, 1998, p.12)

A Capoeira, a partir de 1850, passou a incorporar - além dos negros e escravos - também os libertos e brancos, o que acabou por contribuir para a visibilidade desta arte, que ainda na época era vista com maus olhos. Segundo Fonseca:

Majoritariamente negra e escrava no início do século XIX, a partir de 1850 seu perfil se alarga, passando a abarcar livres e libertos, contando ainda com uma grande parcela de mestiços e, no último quartel, principalmente, brancos – brasileiros e estrangeiros – além de contar com capoeiras oriundos não somente das classes menos favorecidas, como também membros da elite, como é o caso de Juca Reis, filho do Conde de Matosinhos.(FONSECA, 2008, p. 3).

É, sobretudo, nos arquivos policiais, que se encontram grande parte dos documentos a respeito da capoeira, relacionada ao século XIX. No dia 11 de outubro de 1890 foi decretada a lei onde a Capoeira tornava-se oficialmente proibida. Denominada de lei “DOS VADIOS E CAPOEIRAS”, trazia em seu Artigo 402 que “Fazer nas ruas e praças públicas exercício de agilidade e destreza corporal, conhecido pela denominação de capoeiragem [...] Pena: prisão celular de dois a seis meses.”. Conforme Myrian Sepúlveda dos Santos: “Capoeiras, negros alforriados, imigrantes e pobres eram apontados pelos chefes de polícia como sendo os

⁷ Antonio Rodrigues Santo, vulgo mestre Sergipe, nasceu no dia 11 de outubro de 1952, em Boquim – Sergipe e é considerado o precursor da capoeira no Paraná.

⁸ A Negregada instituição (1994) e A Capoeira Escrava no Rio de Janeiro (1998) são duas obras fundamentais de Carlos Eugênio Líbano Soares.

principais responsáveis pelo número cada vez maior de roubo, latrocínio e prostituição”. (SANTOS, 2004, p.145)

Já no século XX, os estudos e as fontes tornam-se mais numerosas, devido a uma série de mudanças dentro do Estado brasileiro, pois a capoeira foi descriminalizada em 1934, saindo do Código Penal, através da ação de Getúlio Vargas, o então presidente da República. Com estas mudanças, a Capoeira passou a ganhar mais visibilidade. Vargas, governante caracterizado como nacionalista e populista (BRESSER-PEREIRA, 2009, p. 01), viu na capoeira uma forma de obter apoio popular e reforçar a nacionalidade brasileira. Conforme Mestre Sergipe (2006), em seu livro *O Poder da Capoeira*, depois que esta foi oficialmente descriminalizada, houve o registro da primeira academia de Capoeira: a academia de mestre Bimba em Engenho Velho de Brotas, na Bahia. Pouco depois a Capoeira seria introduzida na Confederação Brasileira de Pugilismo. Contudo, em 1992 após a criação da Confederação Brasileira de Capoeira, ela foi retirada por iniciativa de alguns capoeiristas de São Paulo, acreditando ser melhor mantê-la dentro de sua própria confederação. Na mesma época, houve a criação da Associação Brasileira de Professores de Capoeira, cujo objetivo era promover a padronização do sistema de graduação.

A Capoeira, tal qual conhecemos hoje, está estritamente ligada a duas figuras importantes no mundo da capoeira, que viveram na primeira metade do século XX e início da segunda metade: Mestre Bimba e Mestre Pastinha⁹. Estes dois Mestres foram os norteadores da capoeira, levando-a a um patamar que transcendeu o enquadramento da marginalidade da capoeiragem.

Mestre Bimba foi aluno de Bentinho, um “capitão da Companhia de Navegação Baiana, do qual Bimba falava com admiração reportando-se à extraordinária habilidade no capoeirar” (CAMPOS, 2009, p.116). Pastinha dizia que naquela época (final do XIX e começo do XX), quando a capoeira ainda era criminalizada, “a polícia perseguia um capoeirista como se persegue um cão danado”. Segundo Pires (2004) *apud* Macul (2008), a perseguição e os castigos aos capoeiristas pegos em flagrante eram bastante cruéis - um dos castigos era amarrá-los pelos punhos no rabo de dois cavalos e arrastá-los até o quartel.

Foi em 1937 que a capoeira passou a ser treinada dentro daquilo que é considerada prática esportiva. Mestre Bimba criou, nesse ano, o Centro de Cultura Física Regional da Bahia, onde desenvolveu um método e um sistema de ensino da Capoeira Regional que a

⁹ Vicente Ferreira Pastinha - vulgo Mestre Pastinha - foi fundador da Capoeira Angola. Nasceu em 5 de dezembro de 1889, em Salvador-BA e faleceu no dia 13 de novembro de 1981.

diferenciou de todas as Capoeiras¹⁰ existentes até então. Ele o fez com a ideia de transformar a Capoeira, arrancá-la daquela caricatura marginalizada e lançá-la no patamar de arte desportiva disciplinada.

A Capoeira Regional bebe da fonte da Capoeira Angola, pois Mestre Bimba era antes de tudo um angoleiro¹¹, e o que ele fez foi introduzir no jogo de Angola elementos do batuque, uma dança africana praticada por seu pai. Também, nas novas mudanças, introduziu mais velocidade dentro do jogo, o qual deixa de ser rasteiro, e o toque do berimbau, fazendo com que deixe de ser de angola passando a ter o toque de regional.

Mestre Bimba introduziu regras para os praticantes da capoeira Regional, como, por exemplo, não usar bebidas alcoólicas ou cigarro, dentre outras. A Capoeira Regional passou a chamar a atenção, tanto que, por ocasião de uma visita do Presidente Getúlio Vargas à cidade de Salvador, Bahia, Mestre Bimba foi convidado a fazer uma demonstração, após a qual Vargas teria proferido a frase “a Capoeira é o único esporte verdadeiramente nacional”. Depois disto, a Capoeira foi retirada do Código Penal, vindo a tornar-se um elemento cultural do país. Pode-se dizer que Mestre Bimba teve uma importância muito grande do ponto de vista de aberturas para a cultura negra.

Mestre Pastinha, logo após Bimba ter fundado sua academia, também criou o Centro Esportivo de Capoeira Angola, em 1941. A Capoeira de Mestre Pastinha, conhecida como Capoeira Angola, caracteriza-se por movimentos mais lentos, ritualísticos, lúdicos e traz consigo a defesa de uma capoeira de raízes africanas.

A Capoeira Angola, na década de 1970, passou por grande crise, porque muitos Mestres se aposentaram, alguns adoeceram e teve início a diáspora da Capoeira para o mundo, que culminou em um esvaziamento na Capoeira no Brasil. Para Nascimento:

É a partir da década de 1970, que o refluxo iniciado em 1930, vai se fazer sentir de forma mais contundente, com a extinção de muitas rodas, muitos mestres se aposentando (da Capoeira), desmotivados pela falta de incentivo e interesse popular pela Capoeira Angola, outros ainda ficando doentes e desassistidos. (NASCIMENTO, 2007, p.13)

A Capoeira Angola, em 1980, foi recuperada pelas mãos de um aluno de Mestre Pastinha, o Mestre Moraes, o qual criou, no Rio de Janeiro, o GCAP (Grupo de Capoeira Angola Pelourinho) e passou a divulgar a Capoeira no Rio De Janeiro, Bahia e no Sul do país.

¹⁰ A prática de capoeira ainda não tinha uma sistematização, o que levava cada grupo possuir um formato próprio.

¹¹ Capoeirista praticante da Capoeira Angola.

Mestre Bimba e Pastinha, mesmo tendo sido os principais nomes mantenedores da capoeiragem, tiveram fins tragicamente parecidos. Ambos morreram na miséria.

A partir de 1970 a Capoeira começou a ser levada para o exterior; sendo que, por volta de 1990, o movimento capoeirístico intensificou-se lá fora. Hoje já podemos dizer que há uma globalização da Capoeira¹² e a grandiosidade de seu impacto cultural fica visível na influência que exerceu sobre outras culturas, como o *break dance*¹³, e mesmo no âmbito científico, no caso da psicanálise¹⁴.

Embora em nossos dias a Capoeira seja praticada em todos os Estados brasileiros e já tenha dado a “volta ao mundo”, ainda enfrenta uma série de problemas relacionados à forma de relacionamento que existe entre: Estado e capoeira, por exemplo, a tentativa de “civilizar” e tornar a Capoeira homogênea, para ser instalada como esporte olímpico; sociedade e Capoeira, os preconceitos contra os praticantes, e mesmo dentro da prática cultural, as violências físicas entre capoeiristas de grupos diferentes.

A Capoeira, qual emergiu duma simbiose cultural e necessidade de resistência negra contra a escravidão, veio a ser reconhecida pelo IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, em 20 de novembro de 2008, como Patrimônio Nacional e como Patrimônio da Humanidade pela UNESCO, em 26 de novembro de 2014.

A CAPOEIRA PARANAENSE

A Capoeira chegou ao Estado do Paraná na década de 1970¹⁵, por meio do goiano Mestre Lampião. Conforme Mestre Sergipe (2006), quando Mestre Alabamba passou por

¹² Conforme Mestre Sergipe (2006, p.17), pode-se encontrá-la em mais de 164 países.

¹³ O *break* nasceu de uma simbiose cultural em Nova York, no Bronx, influenciado pela Capoeira, dança indiana, sapateado americano, artes marciais orientais e a mímica. O *break* se encontrou, por meio de Mestre Jelon, com a Capoeira em 1975, recebendo variadas influências. (CASTRO, 2007).

¹⁴ Roberto Freire colocou a Capoeira no âmbito das discussões psicanalíticas quando fez dela parte integrante da Somaterapia, passando a defendê-la como eficiente no combate as neuroses. (FREIRE e MATA, 1993, p. 18)

¹⁵ Essa data é oficialmente aceita. No entanto, vale apontar que durante as pesquisas realizadas pelo autor desse artigo, foram encontradas algumas fontes que oferecem indicativo de uma prática anterior a década de 1970. Assim sendo, apontamos para a hipótese de que no século XIX já havia capoeiristas na região. Esses capoeiristas, que possivelmente eram escravos no Rio de Janeiro, Bahia, Pernambuco, vieram para o sul por meio do comércio interno de escravos. Essa hipótese surge ao constar que a memória presente no quilombo de Água Morna, localizado na micro-região de Ibaiti-PR, aponta que uma ancestral quilombola, a mãe Romana, teria lutado “na Guerra com navalha na mão e no vão dos dedos dos pés” (em golpes de capoeira?). Essa hipótese é reforçada ao descobrirmos que a capoeira já estava presente, ainda no século XIX, em regiões vizinhas do Paraná, como Santa Catarina. Por exemplo, foi constatado em alguns jornais que Lauro Müller havia aprendido capoeira durante sua infância com o Preto Desidério, nos finais do século XIX. Cf. CRÔNICA do Rio: Um mestre da vida. **Diário do Paraná: Orgao dos Diários Associados (PR)**, Curitiba, 11 jan. 2017. Primeiro caderno, p. 2. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=761672&pesq=preto%20desid%C3%A9rio>>. Acesso em: 24 dez. 2017.

Curitiba, em 1972, fazendo show no Teatro Guaíra, encontrou alguns alunos de Mestre Lampião recém iniciados. Contudo, Mestre Alabamba não realizou nenhum trabalho, apenas visitou o Instituto Brasil de Karatê, Judô, na Rua XV de Novembro onde teve o contato com esses alunos de Mestre Lampião. Mestre Sergipe (2006) relata alguns fatos pitorescos sobre Mestre Lampião, diz ele que:

Certa vez apareceu um senhor e perguntou ao Mestre Lampião, que estava sentado ao lado do professor de Karatê, qual era melhor: Karatê ou Capoeira. Mestre Lampião deu uma porrada no cidadão, o qual levantou cambaleando. Daí falou: agora ele vai lhe dar uma porrada de Karatê. A que doer mais é a melhor. (SERGIPE, 2006 p. 27)

Mestre Lampião e Mestre Alabamba foram os primeiros mestres a pisar em solo paranaense; porém, quem desenvolveu e divulgou a capoeira no Paraná foi Mestre Sergipe. O sergipano Antonio Rodrigues Santo, vulgo mestre Sergipe (2006), conta que chegou ao Paraná em 18 de dezembro de 1973, instruiu alguns alunos e no natal do mesmo ano fez a primeira roda de capoeira, na Praça Zacarias, antiga feirinha.

Depois de Mestre Sergipe veio Mestre Monsueto, em 1974. Já em 1975 vieram três mestres: Mestre Belisco, Mestre Diabo Loiro e Mestre Burguês. Mestre Burguês fundou a Associação de Capoeira Netos da Muzenza e Federação Paranaense de Capoeira, no ano de 1975. Em seguida, conforme Mestre Sergipe (2006),

Vários outros capoeirista de Curitiba e outros Estados estabeleceram-se em várias cidades do interior como Londrina, Foz do Iguaçu, Maringá, Umuarama, Ponta Grossa, Paranaguá, Cascavel, etc. [...] Hoje tem capoeiras paranaenses dando aulas em vários Estados como Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Mato Grosso e também em outros países como Paraguai, Argentina, Chile, EUA e Japão (SERGIPE, 2006, p.31)

GRUPO DE TRABALHO CLÓVIS MOURA. (Paraná). **CRQ comunidade remanescente quilombola água morna**. Disponível em: <<http://www.gtclovismoura.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=47>>. Acesso em: 24 dez. 2017.

KONDER, Marcos. A infância de Lauro Muller. **O Estado do Paraná: Jornal da Manhã (PR)**, Curitiba, 09 dez. 1926. Edição 516, p. 6. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=830372&pesq=preto%20desid%C3%A9rio>>. Acesso em: 24 dez. 2017.

KONDER, Marcos. Lauro Muller: Menino, adolescente, aluno. **O Estado (SC)**, [S.l.], 13 maio 1934. Edição 618, p. 10. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098027_03&pesq=preto%20desid%C3%A9rio>. Acesso em: 24 dez. 2017.

OS GRANDES vultos do Partido Republicano: Retrato de um homem político. **Paraná Norte**, Londrina, 17 abr. 1948. Edição 863, p. 4. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=830240&pesq=preto%20desid%C3%A9rio>>. Acesso em: 24 dez. 2017.

A Capoeira no Paraná tornou-se um elemento agregador do Estado à nação brasileira, desde sua expansão pelo Estado a partir de Curitiba e outros Estados¹⁶, contribuindo como movimento oposto à ideia de uma identidade paranaense ou sulista totalmente diferente do resto do Brasil. Em suma, a Capoeira entra em cena como apaziguador da ideias de secessão, nos fazendo lembrar que, para além da língua portuguesa e do gosto pelo futebol, existem mais outros elementos que nos tornam e nos identificam como brasileiros.

Desta forma, a Capoeira paranaense vem derrubando a ideia de um Paraná diferente, ou seja, mais branco e mais europeu que os demais Estados da Federação, deixando clara a pluralidade cultural sem, no entanto, retirar do Estado suas particularidades regionais. Assim sendo, longe de sermos somente paranaenses ou brasileiros, somos as duas coisas ao mesmo tempo.

CAPOEIRA IMBITUVENSE: DIÁLOGOS ENTRE ORALIDADE E FOTOGRAFIA

Imbituva estava situado no caminho dos tropeiros, que vinham do Rio Grande do Sul em direção a Sorocaba. Não demorou muito para a região, onde hoje é cidade de Imbituva, tornar-se ponto preferido pelas tropas. O local de pouso foi nomeado de Cupim. Segundo Cleusi Bobato,

Imbituva surge quando a expedição comanda por Diogo Pinto de Azevedo Portugal para chegar aos Campos de Guarapuava, passa pelos Campos do Cupim. Isso ocorre no ano de 1809. (BOBATO, 2012, p. 8)

Ainda, conforme a autora,

O declínio da feira de Sorocaba já se fazia notar em 1861 quando Antônio dos Santos Ávila, natural dos Campos Gerais, resolveu abandonar a antiga ocupação, comprar terras, aliciar parentes e amigos e fixar-se no pouso do Cupim, juntamente com outros companheiros, iniciando a construção da Vila.(BOBATO, 2012, p. 8).

Isso teria acontecido em 1871. A localidade só ganhou alcunha de cidade em 1910 quando ainda era nomeada como Santo Antônio de Imbituva, data que recebeu foros de cidade. Foi somente em 1929 que a região passou a denominar-se Imbituva. A região logo mais passou a receber imigrantes, como alemães, poloneses e italianos.

¹⁶ Mestre Sergipe aponta que “após esse desenvolvimento, em Curitiba, várias outras capoeiras de Curitiba e outros Estados estabeleceram-se em várias cidades do interior como Londrina, Foz do Iguaçu, Maringa, Umuarama, Ponta Grossa, Paranaguá, Cascavel, etc.”, mas, no entanto, não aponta qual a data precisa dessa expansão da capoeira no Estado do Paraná.

É importante salientar que, antes mesmo da chegada dos tropeiros e de Antonio Lourenço, já havia índios Caingangues na localidade, e que além das etnias citadas no parágrafo anterior, outros grupos vieram compor a população local, a exemplo de africanos, japoneses, holandeses; mais recentemente, já na contemporaneidade, chegaram também os haitianos. Deste modo, podemos perceber uma cidade se construindo a partir da diversidade étnica e cultural.

Conforme relatos de Valdecir Borgo¹⁷, a Capoeira chegou a Imbituva no início dos anos de 1990, quando passou pela cidade Mestre Luiz Baiano¹⁸, que ensinou a Capoeira para Valdecir Borgo, mais conhecido como Borgo ou Borguinho, o qual faria da Capoeira seu projeto de vida e estabeleceria o primeiro grupo de Capoeira da cidade, em meados da década de 1990.

Desde a década de 1990, a capoeira passou, para além de uma prática esportiva, a alterar o cenário cultural da cidade, ocupando espaços como praças, escolas e as ruas dos bairros. A capoeira era - em alguns bairros - como, por exemplo, a Vila Zezo, mais visível que o próprio futebol. Era comum poder observar crianças e adolescentes praticando movimentos de agilidades nas ruas, praças e escolas. Imbituva teve, na década de 90 e início do século XXI, na Capoeira, o seu destaque cultural. Ela surgiu como um elemento agregador, dando a cidade uma cultura capaz de unir pessoas de vários locais da cidade, de vilas, bairros e mesmo das áreas rurais. No entanto, mesmo ela tendo tido um impacto positivo, foi ignorada pelos registros oficiais da cidade¹⁹, o que nos levou a buscar a história da Capoeira pelo viés dos registros dos próprios capoeiristas, formados por memórias pessoais e registros fotográficos.

Em paralelo com a capoeira de Valdecir Borgo, ainda existia outra, praticada por um professor de Educação Física, vindo de São Paulo, e praticante da Capoeira Angola. Contudo, por se tratar de uma Capoeira tradicional, praticada mais com a família e amigos, tendo uma sistemática que não tinha por intuito de formar grupos, praticamente não apareceu no âmbito social. Este professor de Educação Física, o Professor Daniel, tinha e ainda tem grande popularidade na cidade, porém sua Capoeira só foi praticada uma única vez em público, e foi quando professor Borgo o convidou para um batizado no ano de 2001, para que ele desse uma benção ao grupo Salve Brasil, recém-criado. Na ocasião do primeiro Batizado de Capoeira do grupo Salve Brasil, Professor Daniel esteve presente na roda onde batizou o próprio Valdecir Borgo.

¹⁷ Valdecir Borgo é artista plástico, professor de Artes Visuais e capoeirista. Como capoeirista, foi o precursor da capoeira na cidade de Imbituva na década de 1990.

¹⁸ Nome sujeito à confirmação.

¹⁹ Há somente registros fotográficos, e ínfimos, na escola Alcides Munhoz, que poderá ser visto na fotografia 7.

Desde o início da prática da capoeira em 1990, até os dias atuais, existiram cinco grupos de capoeira oficiais: Vão Livre (grupo de Mestre Valdeci, já extinto), Salve Brasil (grupo criado pelo próprio professor Valdeci, tendo professor Daniel como Mestre, que também já é extinto), Berimbau de Prata (grupo de Mestre Samuca, já falecido, e que permanece ativo na cidade de Curitiba, tendo como liderança o Contramestre Jesus), ACAPRAS²⁰ (grupo de Mestre Silveira) e Guerreiros dos Palmares (grupo de Mestre Pop²¹, que é o atual grupo de capoeira na cidade). Vale salientar que o grupo Salve Brasil e ACAPRAS coexistiram na mesma época e depois de extinto o grupo de capoeira Salve Brasil, ainda coexistiram o grupo Berimbau de Prata e ACAPRAS.

A fotografia foi aqui tomada como documento que guarda em si uma representação do passado e que possui uma função social²² de ligar os membros de um determinado grupo criando uma identidade em comum, estabelecendo um elo entre o presente e passado. Conforme Kossoy:

Assim como as demais fontes de informação históricas, as fotografias não podem ser aceitas imediatamente como espelhos fiéis dos fatos. [...] Seu potencial informativo poderá ser alcançado na medida em que esses fragmentos forem contextualizados na trama histórica em seus múltiplos desdobramentos (sociais, políticos, econômicos, religiosos, artísticos, culturais enfim) que circunscreveu no tempo e no espaço o ato da tomada do registro. Caso contrário, essas imagens permanecerão estagnadas em seu silêncio: fragmentos desconectados da memória; meras ilustrações “artísticas” do passado. (KOSSOY, 2002, p. 22)

Assim sendo, contextualizamos as fotografias por meio dos relatos pessoais, os quais nos possibilitaram alcançar o potencial informativo contido nelas. Essa contextualização permitiu o descongelamento da fotografia, pois conforme Martins (2002, p. 224) “Se a fotografia aparentemente “congela” um momento, sociologicamente, de fato, ela “descongela” esse momento ao remetê-lo para a dimensão da história, da cultura e das relações sociais.”

Também levamos em conta o conceito de segunda realidade, que é utilizado por Kossoy em suas abordagens fotográficas. A primeira realidade é o assunto em si, anterior ao registro fotográfico, onde o próprio fotógrafo atua por meio do enquadramento. Após o registro fotográfico, inicia-se a segunda realidade, que é a representação fotográfica do assunto escolhido, a capoeira, sendo que a partir deste conceito de segunda realidade podemos

²⁰ Academia de Capoeira "Praia de Salvador.

²¹ Adilson Alves, também chamado de mestre Pop, é vereador na cidade de Curitiba e vice-presidente da Federação Paranaense de Capoeira.

²² A Função Social aqui colocada é o termo utilizado por Bourdieu em seu artigo O Camponês e a Fotografia (2006).

olhar a fotografia como documento, ou seja, uma representação de um passado que realmente existiu e que pode ser analisado. Conforme Kossoy:

Toda a fotografia que vemos, seja o artefato fotográfico original obtido na época em que foi produzido, seja a imagem dele reproduzida sobre outro suporte ou meio [...] será sempre uma segunda realidade. O assunto representado configura o conteúdo explícito da imagem fotográfica: a face aparente e externa de uma micro-história do passado cristalizada expressivamente. (KOSSOY, 1999, p.37)

Os relatos orais, coletados por meio de entrevistas, levam em conta os apontamentos de Meihy e Alberti. *Trabalhamos dentro da modalidade de história oral temática, proposto por Meihy* (1996). As entrevistas aqui utilizadas não foram muitas, estando limitadas a somente quatro. O número pequeno de entrevistas se justifica pela própria observação de Meihy (2005, p. 45), o qual salienta que “às dificuldades de trabalho com números muito grande de entrevista, a história oral tem sido explorada em seu aspecto mais restrito.”²³ Ainda vale observar que, conforme Alberti (2005, p.29), “sendo um método de pesquisa, a história oral não é um fim em si mesma, e sim um meio de conhecimento.” Em relação à passagem do áudio para a escrita, adotamos do conceito de transcrição utilizado por Meihy. Para Meihy (2005) a história oral obedece três etapas: a transcrição, que é a passagem fiel do áudio para a escrita, com todas as nuances da oralidade; a textualização, que consiste no enxugamento do texto, retirando os vícios de linguagem presentes na oralidade e as falas do entrevistador, e por último a transcrição quando são incorporados elementos extra-textos, com a intenção dar mais coerência às informações orais.

Dentre as 169 fotos que obtivemos somente algumas foram escolhidas, pois seria difícil analisar todas elas em um espaço curto, o que não exclui possibilidade de uma análise posterior das outras fotografias. Assim sendo, separamos estas fotos em grupos temáticos, quais sejam: Vôo livre, Salve Brasil, ACAPRAS, Guerreiro dos Palmares, os grupos de capoeiras, e Capoeira nas ruas e escolas, a capoeira fora dos grupos.

GRUPO VÔO LIVRE (1995 A 1999)

Valdecir Borgo teve seu primeiro contato com a capoeira por meio de Mestre Luiz Baiano, em meados de 1993 a 1994. Mestre Luiz Baiano, que havia se deslocado da Bahia em busca de trabalho, passou por Imbituva onde trabalhou na construção de calçamentos. O encontro de Mestre Luiz Baiano e Valdecir Borgo se deu no local de trabalho, pois ambos

²³ Essa observação de José Carlos Sebe Bom Meihy foi um dos critérios utilizados por Mauricio Barros de Castro em sua Tese “A Roda do Mundo” (2007).

tinham iniciado trabalho no processo de construção do calçamento da cidade. Foi durante um intervalo para o café que Valdecir Borgo teve seu primeiro contato com a capoeira, conforme ele relata:

Eu comecei treinar com Luiz, o Mestre Luiz Baiano, há muito tempo atrás. Ele veio da Bahia pra cá. Nós fazíamos calçada. Um dia na hora do café ele fez um macaquinho. Na verdade, aquela vez, eu não sabia o que era capoeira, só que achei bonito. Perguntei pra ele o que era e ele disse: isso é capoeira, isso é uma luta baiana. Então falei para ele me ensinar, e ele não queria ensinar. Fiquei mais ou menos uma semana falando pra ele me ensinar, até que ele cedeu. Foi então que começamos a treinar.²⁴

Depois disso, Valdecir Borgo passou a treinar/demonstrar nas praças, nos colégios, o que contribuiu para a divulgação da arte, pois muitos dos que presenciavam as demonstrações ficavam curiosos, sendo que muitos passaram a praticar, tendo Borgo como professor. No espaço de tempo entre a retirada de Mestre Luiz a Curitiba e o início do ensino da capoeira por Valdecir Borgo, ainda houve o aparecimento de outro capoeirista, originário, possivelmente, de Blumenau. Conforme Professor Borgo,

Foi no intervalo do Mestre Luiz que teve o Capoeira, que é parente do Marcelinho, que foi meu aluno. O Capoeira veio pra cá e nós treinava lá no Bar do Cheiroso. Ele colocava um tijolo em pé e virava um mortal, caindo em cima do tijolo, pra você ter uma ideia.²⁵

Muitos imbituvenses, devido à curiosidade, começam a reunir-se junto ao Professor Borgo, o que foi aos poucos formando um grupo. Segundo Valdecir Borgo, quando atingiram 45 alunos, em meados de 1995, eles se filiaram ao grupo pontagrossense Vôo Livre²⁶, permanecendo neste grupo até 1999. Foi através do aluno José Adilson²⁷, vulgo Magrão, que o grupo Vôo Livre veio para a cidade de Imbituva. Magrão havia morado por determinado tempo em Ponta Grossa; por isso ele já tinha conhecimento sobre o grupo Vôo Livre, o que facilitou o contato e a filiação. Desta época em diante os capoeiristas passaram a registrar as rodas por meio de fotos, o que facilitou bastante esta pesquisa. Foram fotografados, durante a existência do 'Grupo Vôo Livre', a presença da capoeira em alguns espaços na cidade de

²⁴ Entrevista concedida a Jeferson do Nascimento Machado pelo Prof. Valdecir Borgo, 40 anos, no dia 18/04/2015, na cidade de Imbituva/Pr. Duração 39min30seg. UNICENTRO/Pr.

²⁵ Entrevista concedida a Jeferson do Nascimento Machado pelo Prof. Valdecir Borgo, 40 anos, no dia 18/04/2015, na cidade de Imbituva/Pr. Duração 39min30seg. UNICENTRO/Pr.

²⁶ Grupo de capoeira pontagrossense liderado por Mestre Valdeci (não confundir com professor Valdeci Borgo, precursor da capoeira em Imbituva), que hoje é líder do grupo de capoeira USBRAC (União Sul Brasileira de Capoeira).

²⁷ Nome sujeito a confirmação.

Imbituva, como a *Praça Dr. Theodoro N. Diedrich*, Ginásio de Esportes e casa do Tostão; já em espaços fora da cidade, podemos encontrar fotos em Guaratuba e outras em Ponta Grossa.

A Capoeira desta época, no final dos anos 1990, já contava com alguns nomes que se destacariam na capoeira imbituvense, ganhando inclusive, alguns deles, o sobrenome popular de Capoeira/capoeirista. São eles: Marcelinho Capoeirista, Gabriel Capoeirista, Paulo, Josni e Magrão. Dentre estes cinco, dois ainda continuam, em nossos dias, atuando na capoeira, são eles; Paulo, hoje conhecido como Tanderá, e Josni, ambos atuantes no Grupo Guerreiro dos Palmares.

Fotografia 1 – Roda de capoeira na Praça *Praça Dr. Theodoro N. Diedrich*-1998



Fonte: acervo pessoal de Valdecir Borgo

A fotografia 1 faz parte de um conjunto de fotos que compõe os primeiros registros fotográficos da capoeira imbituvense. Esta foto, segundo Valdecir Borgo, é de 1998 e foi retirada na *Praça Dr. Theodoro N. Diedrich*, popularmente conhecida como *Praça da Matriz*. Nessa fotografia constam dezenove capoeiristas e dois cidadãos que observam ao fundo; são quinze capoeiristas, os que circundam a roda, a contar com as três pessoas que formam a bateria; no centro da roda temos dois capoeiristas jogando e, logo abaixo da bateria, temos dois capoeiristas agachados esperando a vez de entrar.

Por meio de uma análise mais ampliada, com a contextualização e entrecruzamento com os relatos, conseguimos identificar com nitidez - por meio de apontamentos de Valdecir Borgo e outros capoeiristas - sete pessoas, são elas: Magrão, que está tocando o atabaque; Valdecir Borgo, que está no berimbau; Pirrália, que está tocando pandeiro; Marcelinho, que está na roda e é o único sem camisa da foto; Paulo ao fundo da roda e, no centro da roda, se

encontram Josni e Gabriel jogando. Dentre todos os capoeiristas aqui reconhecidos, todos eles tiveram uma grande importância para capoeira imbituvense e mesmo para a capoeira em outras cidades, que é o caso do Paulo do Nascimento Machado, que acabou levando o seu conhecimento em capoeira para outras cidades, estando atualmente a desenvolver projetos em São João do Triunfo.

Ainda percebemos outros elementos na foto, que podem nos indicar algo; por exemplo, a presença de dezessete capoeiristas do sexo masculino e duas do sexo feminino, o que nos leva a pensar nas relações de gênero que vigoravam na década de 1990 na cidade de Imbituva. Infelizmente não conseguimos obter relatos das meninas presentes na fotografia. Devemos salientar que a presença feminina sempre foi aceita dentro da capoeira; no entanto, apontamos para a hipótese de que o impedimento da sua participação poderia ser imposto pela família, se essa criasse barreiras para a prática de qualquer esporte, mesmo o futebol. Professor Josni salienta que: “nossa região é fraca na capoeira, não é só aqui em Imbituva. Imbituva, vamos supor, por ser uma cidade meio que ‘caipirona’. Portanto que eu só tenho três alunas, não tem muito pelo lado do preconceito.”²⁸ Assim sendo, mesmo nos dias atuais, Professor Josni acredita que é o preconceito em relação à menina capoeirista que explica o número sempre pequeno delas no grupo.²⁹

Quanto ao preconceito de natureza étnico racial o Professor Valdecir Borgo fez o seguinte relato:

Imagine, o cara falou pra mim, um senhor que tem olho azul e pele clara. Falou pra mim: “isso aí não é coisa de negro, o que você faz? Você é polaco, tem olho azul. Você vai fazer coisa de negro? Que graça tem fazer uma roda e ficar batendo palma e pulando no meio?” Então, veja bem a falta de conhecimento, ou tem um pouco de conhecimento, mas está dizendo – isso aí não pertence a você.³⁰

Por meio deste relato, podemos notar que havia um olhar preconceituoso em relação à cultura negra. Nossa hipótese é que, possivelmente, este senhor não era o único portador dessas ideias e isso afastaria pessoas brancas da prática da capoeira. Aqui vale salientar que este relato de Valdecir Borgo foi inspiração para o título deste TCC, o qual chama atenção para este olhar preconceituoso, onde a cultura negra – que é chamada de “coisa de negro”, pelo senhor - aparece como algo relativo aos negros, de forma intrínseca e pejorativa.

²⁸ Entrevista concedida a Jeferson do Nascimento Machado pelo Prof. de capoeira Josni Nogosek Ferreira dos Santos, 30 anos, no dia 09/04/2015, na cidade de Imbituva/Pr. Áudio. Duração 45min24seg. UNICENTRO/Pr.

²⁹ A discussão sobre as relações de gênero dentro da capoeira imbituvense não será ampliada neste trabalho, devido à complexidade da temática. Assim sendo, fica aberto para pesquisa futuras e ampliação da discussão.

³⁰ Entrevista concedida a Jeferson do Nascimento Machado pelo Prof. Valdecir Borgo, 40 anos, no dia 18/04/2015, na cidade de Imbituva/Pr. Duração 39min30seg. UNICENTRO/Pr.

No entanto, mesmo existindo este olhar, que relaciona de forma mecânica capoeira aos negros, Valdecir Borgo, homem branco, conseguiu introduzir a capoeira na cidade de Imbituva. Sendo assim, a cultura negra se fez entre brancos e por meio de um branco, o qual causou este choque cultural e iniciou um processo de desconstrução dos preconceitos na cidade, embora, mesmo depois de 23 anos de capoeira em Imbituva, ele ainda não tenha sido erradicado. Professor Daniel, logo depois de ter comentado, durante a entrevista, sobre sua militância no Movimento Negro, durante o Regime Militar salienta que: “por incrível que pareça, o que eu enfrentei lá em mil novecentos e tal, ainda se enfrenta aqui! Ainda se enfrenta aqui! O pessoal ainda é muito separatista aqui [...]”³¹

Outra questão que observamos nesta foto, e que chama bastante a atenção, é a presença de duas pessoas ao fundo da foto. Essas pessoas, provavelmente, não são parentes, e talvez, nem mesmo amigos dos capoeiristas, pelo fato de estarem muito distanciados da roda - parentes ou amigos tenderiam a ficar mais próximos; mas, mesmo assim, poderiam ser estranhos e terem se aproximado devido à curiosidade, mas não o fizeram, por pudor ou estranheza pela novidade. Também, pela distância que estão um do outro, possivelmente não são parentes nem amigos. Mas mesmo estando distantes, eles mostram curiosos e pensativos em relação à roda, e isso é visível por terem, tanto um como outro, as mãos sob o queixo. Possivelmente todas as rodas feitas na praça contavam com um ou outro curioso.

Fotografia 2 – Roda de capoeira na oficina do Tostão - 1996



Fonte: acervo pessoal de Valdecir Borgo

Na fotografia 2, diferentemente da fotografia 1, não se trata de roda ao ar livre; aqui nessa foto a roda acontece dentro de uma oficina de feitiço de uniformes, que era do Tostão. A foto apresenta, de modo geral, uma casa de madeira, com piso bruto, coberta por telhas de amianto, duas portas de madeira e uma janela de vidro; no espaço estão distribuídas dezesseis pessoas, entre capoeiristas e curiosos. E ao fundo se encontra um grande armário com muitas

³¹ Entrevista concedida a Jeferson do Nascimento Machado pelo Prof. Daniel Dias, 61 anos, no dia 18/04/2015, na cidade de Imbituva/Pr. Duração 49min09seg. UNICENTRO/Pr.

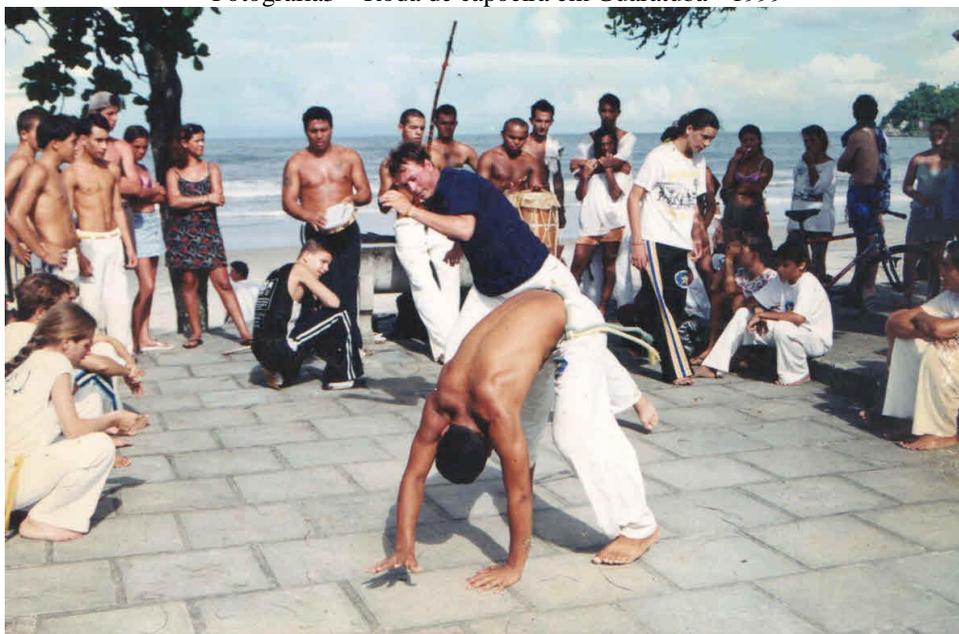
pastas. A roda é formada por quatorze pessoas, contando com a bateria, composta por cinco pessoas; e no centro da roda se encontram dois capoeiristas jogando.

Feitas essas primeiras observações, passaremos ao processo de descongelamento da fotografia. Vemos que no centro da roda se encontram o professor Borgo e seu aluno Josni, jogando; Borgo está todo de branco, com a corda verde na cintura, plantando bananeira e Josni está se esquivando.

Ao lado direito da roda, não há pessoas, ficando somente a parte de trás da foto e o lado esquerdo, com um número grande de pessoas. Atrás do professor Borgo, encontra-se uma pessoa, mas só é visível sua perna; percebemos que na bateria se encontram três berimbaus, porém dois dos capoeiristas estão com eles encostados ao chão, demonstrando sinal de descanso e somente um berimbau, aquele mais ao meio, está erguido; no pandeiro se encontra o aluno Heraldo, porém, do mesmo modo, segura o pandeiro para baixo, indicando sinal de descanso; no atabaque o capoeirista parece estar movimento as mãos, indicando estar tocando. Ao lado esquerdo da roda se encontram seis crianças, por volta de oito a dez anos, e o dono da casa, o Tostão, que está sentado ao lado da porta.

Essa foto, diferente da anterior, demonstra que foi uma foto fabricada, no sentido de que houve uma preparação para a foto e não foi somente um congelamento de uma roda que rolava em toda sua dinâmica. E isso pode ser observado pelo fato de a bateria se encontrar em posicionamento de descanso e os olhares, praticamente de todos, estarem vindo em direção ao fotógrafo; inclusive de Valdecir Borgo que olha diretamente para a câmera.

Fotografia3 – Roda de capoeira em Guaratuba - 1999



Fonte: acervo pessoal de Valdecir Borgo.

A fotografia 3 registra uma roda numa praia de Guaratuba. Percebemos um total de 24 capoeiristas, sendo 11 imbituvenses. No centro da roda se encontra Valdecir Borgo, vestindo uma camiseta azul e se esquivando de uma meia-lua de compasso³² que será aplicada pelo adversário. A bateria é formada por um berimbau, um atabaque e um pandeiro.

Conforme Valdecir Borgo³³, eles encontraram este pessoal, que era de outro grupo, e resolveram formar uma roda. Esta fotografia é o primeiro registro fotográfico de capoeiristas imbituvenses fora da cidade. Outro fato é que esta foto é a única que possuía, no seu verso, data do registro, o que contribui para uma datação precisa.

SALVE BRASIL (2000 A 2001)

O grupo Vôo Livre acabou se desmantelando, o que deixou novamente a capoeira sem filiação; porém, foi neste momento que Magrão acabou se desligando de Valdecir Borgo, trazendo para a cidade o grupo ACAPRAS, do Mestre Silveira, passando de agora em diante, a dar aulas no Bairro Jardim Tangará, agora como professor do grupo ACAPRAS. Valdecir Borgo continua dando aulas e, logo mais, funda seu próprio grupo, o Grupo Salve Brasil, tendo como Mestre o professor de Educação Física, o lendário Professor Daniel. Nesta época, mais precisamente entre 2000 e 2001, Imbituva teve dois grupos de capoeira, e foi neste período que se presenciou um constante conflito entre o grupo ACAPRAS e o Grupo Salve Brasil. Houve pelo menos dois embates físicos entre estes grupos, um no ginásio Esporte e outro atrás da Igreja Luterana, segundo e último local de treino desse grupo.

Fotografia 4 – Batizado de capoeira no Ginásio de Esportes - 2001

³² Movimento onde o capoeirista apoiado com as mãos sobre o chão desfere um chute giratório com seu calcanhar. Esta movimentação está entre as mais utilizadas dentro de uma roda de capoeira.

³³ Informação conseguida por meio de conversa informal.



Fonte: acervo pessoal de Valdeci Borgo

Esta fotografia possui sete pessoas, duas das quais se encontram no centro da roda, Valdeci Borgo e Professor Daniel. A foto, conforme Valdecir Borgo³⁴ é do batizado ocorrido em 2001. Valdecir aparece virando um salto mortal por cima de Professor Daniel, que se encontra com as costas ao chão e com as mãos para cima tocando os ombros de Valdecir Borgo. A bateria é formada por um berimbau, um atabaque e um pandeiro. Na ocasião, houve trocas de corda de vários alunos e inclusive a graduação³⁵ de Valdecir Borgo, após esse jogo da foto.

O interessante dessa fotografia é a presença de professor Daniel, conhecido por todos como mestre de Capoeira e professor de Educação Física, apesar de que esta foi a única vez que ele jogou capoeira em público. Professor Daniel, quando questionado sobre a sua ligação com Valdecir Borgo e o grupo Salve Brasil, salientou que:

Na realidade, vi nele uma pessoa que estava interessada. Então a gente conversou muito. E, quando você citou sobre um batizado, é uma coisa que não está dentro de nossa sistemática. Eu participei do batizado, para dar uma bênção, como uma pessoa mais velha. Mas, isso é prova mesmo de, realmente, uma grande amizade.³⁶

Professor Daniel relata que, criado sem pai, teve criação matriarcal e desde os anos de 1970, durante o Governo Militar, tornou-se ativista do Movimento Negro, tendo contribuído

³⁴ Informação obtida por meio de conversa informal.

³⁵ Processo de hierarquização dos capoeiristas em níveis, que são representados por cordas coloridas. As cores das graduações variam de grupo para grupo.

³⁶ Entrevista concedida a Jeferson do Nascimento Machado pelo Prof. Daniel Dias, 61 anos, no dia 18/04/2015, na cidade de Imbituva/Pr. Duração 34min 11seg. UNICENTRO/Pr.

para a criação do grupo de consciência negra, denominado GANA (Grupo de Arte Negra de Araraquara). Nascido no Estado de São Paulo, em Araraquara, mudou-se para Rondônia, tendo passado ainda por outros lugares, antes de vir parar na cidade de Imbituva, onde se encontra até os dias atuais. Militante do Movimento Negro, ele pratica a Capoeira tradicional (Capoeira Angola), fala que é a Capoeira da libertação, a original. Conforme Professor Daniel:

Existe a capoeira verdadeira mesmo, aquela que o pessoal lutou. Que nasceu ali na senzala. Essa é a Capoeira de Angola. Porque quando falam em Capoeira, fala em 20 de novembro e falam que os negros lutaram Capoeira, pra se libertar, o pessoal mostra a Capoeira Regional, com golpes de caratê. Não tem nada a ver. A Capoeira é a de Angola, que não surgiu com atabaque nem com berimbau, a capoeira batia na mão e batia no peito, não tinha instrumentos. A Capoeira era cantada. Então, quando falarmos em cultura a gente tem que consertar essa história. Quando falarmos em Capoeira e libertação, a gente deve contar a história verdadeira da resistência. Nós temos que falar sobre a Capoeira Angola, na qual se o moleque quiser aprender capoeira comigo ele não vai comprar abada não! Ele vai ter que vir com um caderno e uma caneta, porque comigo tem que conhecer a história do negro, a história da escravidão no Brasil. Ele não vai querer aprender a dar mortal, para depois ficar dando mortal na grama. E é por isso que eu sou um cara resistente à capoeira, se você quiser aprender Capoeira comigo você venha com um caderno e com uma caneta, abada não precisa.³⁷

O local da fotografia é o Ginásio de Esportes da cidade, o qual, por inúmeras vezes foi palco da prática da capoeira e de eventos, como batizados e encontros de capoeira.

ACAPRAS (2000 a 2013)³⁸

O grupo Salve Brasil, não durou muito tempo (2000 a 2001), e não demora muito tempo para que professor Borgo se filie a outro grupo, desta vez o grupo Berimbau de Prata³⁹, de Mestre Samuca⁴⁰. O grupo Berimbau de Prata ainda presenciaria um embate com ACAPRAS; no entanto, não demorou muito e a ACAPRAS encerrou o trabalho em Imbituva, devido à desistência do próprio Professor Magrão. A partir de então, Imbituva teria somente um grupo, o grupo do Professor Borgo. Logo mais o grupo Berimbau de Prata encerra seu trabalho em Imbituva, ficando um tempo curto sem capoeira na cidade, voltando logo depois com o grupo ACAPRAS, agora sob a responsabilidade de Professor Borgo, perdurando este grupo até 2013, tendo seus últimos anos sob a direção de professor Josni Nogosek Ferreira

³⁷ Entrevista concedida a Jeferson do Nascimento Machado pelo Prof. Daniel Dias, 61 anos, no dia 18/04/2015, na cidade de Imbituva/Pr. Duração 44min09seg. UNICENTRO/Pr.

³⁸ Academia de Capoeira "Praia de Salvador.

³⁹ Não conseguimos fotografias relacionadas ao grupo Berimbau de Prata.

⁴⁰ Mestre Samuca é um dos precursores da capoeira paranaense e liderou o grupo Berimbau de Prata até sua morte. Depois da morte de mestre Samuca o grupo ficou sob responsabilidade do seu contra-mestre, conhecido como Jesus, qual lidera o grupo até os dias atuais.

dos Santo. Depois de 2013, Josni sai do grupo ACAPRAS e passa para o Grupo Guerreiro dos Palmares, de Mestre Pop.

A capoeira, depois disso, teve em Josni seu mantenedor. Josni é o atual professor de capoeira em Imbituva. Ele conheceu a capoeira através da Tv, segundo ele, ao assistir o filme *Esporte Sangrento*⁴¹ - que passava na TV constantemente, no final do século XX e entrada do XXI – que o levou ao interesse pela capoeira. Logo mais, Josni passou a treinar com Ronaldo Bonete, que teria sido seu primeiro professor. Bonete havia aprendido a capoeira no quartel de Ponta Grossa e Josni, que o conhecia, pediu para aprender com ele, sendo prontamente aceito. A capoeira de Bonete, segundo Josni, era amadora⁴², o que o levou a ensinar algumas coisas erradas. Passado algum tempo, Josni passou a treinar com Professor Borgo, que já havia iniciado o seu trabalho e já era possuidor de um melhor conhecimento da capoeira.

A prática da capoeira - durante a época em que Valdecir Borgo esteve no grupo ACAPRAS - foi realizada em uma série de lugares dentro da cidade, públicos e privado. Constatamos, por exemplo, que ela esteve presente no Ginásio de Esportes, Casa do Cheiroso, Escola Jardim Tangará, Escola Alcides Munhoz⁴³, Pavilhão de Malhas, Atrás da Igreja Luterana, Clube Operário, Bar do Cheiroso, etc. Conforme Jeverson, “Passamos por um monte de lugar, treinamos no Tangará, com o Borgo treinamos no ginásio. Treinamos três vezes no ginásio. Despejavam-Nos, entrava outro político nos voltávamos novamente”.⁴⁴

Aqui fica clara a dificuldade que os capoeiristas enfrentaram nessa época, devido à falta de um espaço fixo. No entanto, a capoeira, como cultura de resistência, persiste, pois os praticantes, devido à ligação identitária, não a deixam, continuam a lutar por ela, e mesmo quando a deixam por algum motivo, eles nunca deixam de se colocar perante a sociedade como capoeiristas. Existe um orgulho em dizer "eu sou capoeirista".

A capoeira de Imbituva não se limitou somente àquela cidade, ela esteve presente em outros lugares, como em Ponta Grossa, Curitiba, Guamiranga, e mesmo nas áreas rurais da cidade de Imbituva, como Água Branca. Houve participação em campeonatos paranaenses e, em todas as vezes, trouxeram medalhas. Conforme Jeverson, “teve algumas rodas em Ponta Grossa que nós fomos também. Fomos numas viagens em Curitiba também, em alguns campeonatos que tinha ali. Teve dois ou três campeonatos de capoeira no Tarumã em

⁴¹ Primeiro filme americano a retratar a capoeira.

⁴² A capoeira amadora é caracterizada por ser uma prática desvinculada de muitos atributos essenciais, não havendo no praticante o desejo de aprofundamento. Normalmente os capoeiristas amadores tendem a treinar individualmente, sem participar de rodas. No entanto, são admiradores da arte.

⁴³ Ambas são públicas.

⁴⁴ Entrevista concedida a Jeferson do Nascimento Machado pelo Sr. Jeverson Santos, no dia 13/04/2015, na cidade de Imbituva/Pr. Duração 21min37seg. UNICENTRO/Pr.

Curitiba...”.⁴⁵ Na foto 3 podemos observar a presença da capoeira de Imbituva, ainda em seu início, na praia de Guaratuba, e isso era bem comum, pois a capoeira estava vivendo uma espécie de febre dentro da cidade, o que levava os capoeiristas a formarem rodas em todos os lugares que frequentavam.

Fotografia 5 – Primeiro batizado realizado pelo grupo ACAPRAS, na época liderado por Magrão – 2001.



Fonte: acervo Pessoal de Diego Andrade.

A fotografia 5 mostra 17 pessoas dentro do enquadramento fotográfico e registra o primeiro Batizado de capoeira realizado pelo grupo ACAPRAS, nessa época, liderado por Magrão. Na ocasião, houve graduação⁴⁶ de todos os capoeiristas do grupo ACAPRAS de Imbituva, sendo que o próprio autor deste texto estava presente e recebeu a corda verde e cinza, cordel ou cordão.

⁴⁵ Entrevista concedida a Jeferson do Nascimento Machado pelo Sr. Jeverson Santos, no dia 13/04/2015, na cidade de Imbituva/Pr. Duração 21min37seg. UNICENTRO/Pr.

⁴⁶ De tempo em tempo é realizado uma roda de capoeira para troca de cordas, o que é conhecido como batizado de capoeira. Nesse momento, os alunos aptos a subirem de grau deixam a corda antiga, pegando uma nova e agora de grau mais elevado.

Fotografia 6 – Roda de capoeira na Escola Municipal Jardim Tangará - 2005



Fonte: acervo pessoal Valdecir Borgo

Na fotografia 6 é possível contar 26 capoeiristas, em grande maioria crianças, sendo nove do sexo feminino. Nesta época, 2005, Valdecir Borgo conseguiu um espaço na Escola Municipal Jardim Tangará onde foram oferecidas aulas de capoeira aos sábados, no entanto sem fazer parte da grade ou projeto escolar. A fotografia, conforme Valdecir Borgo⁴⁷, foi ensaiada, ou seja, não foi o registro de uma roda de capoeira, mas de uma encenação de uma roda de capoeira. Vale frisar que vemos nesta roda dois pandeiros, três berimbaus e um atabaque.

Durante a existência do grupo ACAPRAS em 2007 e 2008, existiu outro grupo⁴⁸ em paralelo, cujo professor Paulo ministrou aulas no bairro de Campina, tendo dois alunos iniciados, os quais hoje fazem parte do grupo Guerreiro dos Palmares. Foi Marcelinho Capoeirista, ex-aluno de Professor Valdecir Borgo, que iniciou as aulas no bairro de Campina; no entanto, deu apenas uma aula e teve de mudar de cidade, indo para Guarapuava, deixando o grupo para o Professor Paulo dar continuidade. Durante esses dois anos (2007 e 2008), os treinos foram constantes e aconteciam todos os sábados. O desmantelamento desse grupo deu-se pelo fato do professor Paulo também ter ido morar fora da cidade.

GRUPO GUERREIROS DOS PALMARES (2014 AOS DIAS ATUAIS)

⁴⁷ Informação obtida por conversa informal.

⁴⁸ Este grupo não possuía nome e não chegou a se filiar a nenhum outro grupo. Infelizmente não foi feito nenhum registro fotográfico.

No ano de 2014, o professor Josni deixou o grupo ACAPRAS e mudou para o Guerreiros dos Palmares⁴⁹, onde permanece até este ano. Segundo Josni, o que o levou a mudar de grupo foi o fato de que um professor da ACAPRAS passou a humilhá-lo em frente de seus alunos. Nas palavras de Josni:

Eu confiei num cara que se dizia meu professor, no fim o cara começou a querer me humilhar, na frente de meus alunos, querendo dizer que o que eu havia feito não tinha importância nenhuma, não tinha valor nenhum. Portanto que eu estava pensando em parar de treinar. Foi quando o mestre Pop ligou, conversou e me convidou pra ir para Guerreiros. O que eu aprendi dentro ACAPRAS, vou levar pra minha vida inteira, na verdade, praticamente aprendi capoeira na ACAPRAS. Só que na Guerreiros estou aprendendo bem mais. O que a ACAPRAS tem de bom por um lado a Guerreiros é melhor por outros.⁵⁰

Fotografia 7 - 1º Encontro Cultural Grupo Guerreiros dos Palmares em Imbituva - 2015



Fonte: acervo pessoal JosniNogosek Ferreira dos Santos

Aqui vemos o registro fotográfico do 1º Encontro Cultural Grupo Guerreiros dos Palmares, o qual contou com presença de Mestre Pop. O enquadramento fotográfico registrou dezoito capoeiristas, sendo que seis deles estão na Bateria, dois jogando e nove em torno da roda. Os capoeiristas que vestem regata preta são professores, no entanto, professor Paulo, que está ao lado esquerdo do pandeiro, se encontra de branco. A formação da bateria segue de três berimbaus, dois pandeiros e um atabaque. O primeiro berimbau, da direita à esquerda, é manuseado por mestre Pop.

⁴⁹ Grupo de capoeira curitibano, qual tem se estendido por muitas cidades paranaenses. O grupo é liderado por Mestre Pop, qual também é vereador em Curitiba e exerce a função de vice na Associação de Capoeira Paranaense.

⁵⁰ Entrevista concedida a Jeferson do Nascimento Machado pelo Prof. de capoeira Josni Nogosek Ferreira dos Santos, 30 anos, no dia 13/04/2015, na cidade de Imbituva/Pr. Duração 45min14seg. UNICENTRO/Pr.

CAPOEIRA NAS RUAS E ESCOLAS

Em Imbituva houve a capoeira praticada por grupos e a capoeira, por assim dizer, independente, praticada nas ruas e nas escolas, sem estar subordinada, liderada ou orientada por um mestre o professor. Nas escolas a capoeira se fazia presente por meio de rodas nos pátio, mas ela nunca chegou a fazer parte do currículo escolar. Todavia, a capoeira integrou alguns eventos culturais da Escola Alcides Munhoz, como pode ser visto no conjunto de fotografias 8.

Fotografias 8 –Evento cultural realizado pela Escola Estadual Alcides Munhoz - 2001



Fonte: acervo da Escola Estadual Alcides Munhoz.

Este conjunto fotográfico mostra um evento cultural que foi organizado em forma de concurso. As três fotos representam, conforme a legenda, a cultura dos negros, Italianos e alemães. Essas fotos demonstram a prática da capoeira na cidade de Imbituva, e que mesmo existindo uma supervalorização da cultura européia no município, a capoeira conseguiu este espaço.

As danças alemãs e italianas - presentes nas fotografias - fazem parte do folclore da cidade e obtém espaço nos eventos culturais escolares e exteriores à escola. Todavia, embora a capoeira seja uma prática do cotidiano, ela não é reconhecida e contemplada pelos acervos que guardam registros históricos e culturais, ou seja, há uma desigualdade no tratamento da

cultura afro-brasileira e origem européia. Vale dizer que “o que assegura a reprodução dessa desigualdade é precisamente o “silenciamento” (ou mesmo censura) desse tema.” (CARVALHO, 2011, p. 43)

Esse conjunto fotográfico que encontramos com registros relativos à capoeira é uma raridade, pois dentre muitíssimas fotografias guardadas na biblioteca da Escola Alcides Munhoz, só encontramos essas sobre capoeira, sendo que há muitos registros de atividades e eventos culturais dentro da escola. Nas outras escolas da cidade de Imbituva não existem registros.

Fotografia 9 – Roda de capoeira atrás de uma serraria, no bairro Brasília- 2001



Fonte: acervo pessoal de Paulo do Nascimento Machado.

Esta fotografia traz o registro fotográfico de uma roda de capoeira que acontecia semanalmente atrás de uma velha serraria. No meio da roda se encontra o Paulo fazendo um salto mortal. Seu oponente não aparece na fotografia, pois este mortal é típico da entrada de uma roda, quando um jogador espera no pé do berimbau enquanto outro faz um movimento acrobático. A fotografia enquadrava somente um lado da roda, sendo possível ver apenas o autor da acrobacia e três pessoas batendo palma em volta da roda, sendo que uma delas foi coberta pelo acrobata. A pessoa da esquerda chama-se Mateus e o da direita é este que aqui escreve.

Esta roda, formada por alunos pertencentes e não pertencentes a grupos difere bastante das rodas institucionalizadas, que utilizam uniformes e possuem uma série de regras a serem

seguidas, fazendo da prática cultural um espetáculo (CARVALHO, 2010). Vale dizer que a “espetacularização” é conceituada por José Jorge de carvalho como:

a operação típica da sociedade de massas, em que um evento, em geral de caráter ritual ou artístico, criado para atender a uma necessidade expressiva específica de um grupo e preservado e transmitido através de um circuito próprio, é transformado em espetáculo para consumo de outro grupo, desvinculado da comunidade de origem. (CARVALHO, 2010, p. 47)

Este tipo de roda, que ganhou a alcunha de roda de rua, é definido por seus praticantes como uma prática espontânea, livre e criativa. Muitos capoeiristas, mesmo participando de grupos oficiais, participam de rodas de capoeiras de rua, por sentirem uma maior liberdade. Essa prática espontânea surge como tática para burlar as estratégias⁵¹ da “espetacularização”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscamos ao longo deste artigo mostrar, por meio da análise de fontes orais e fotográficas, que capoeira imbituvense, desde seu momento de chegada no final do século XX, por meio de Mestre Luiz Baiano e de seu estabelecimento como prática cultural, a partir de prof. Valdecir Borgo, vem se mostrando elemento cultural importante para a cidade, possuindo uma longa história, na qual se encontram variados grupos de capoeira, cada um com sua história. Além disso, vale dizer que notamos que ela vem sendo um elemento agregador, demonstrando que o Paraná não difere de outras partes do Brasil, possuindo uma vasta pluralidade cultural, onde a capoeira se insere como uma dentre outras práticas culturais afro-brasileira.

Também percebemos, a partir desse estudo, a importância da capoeira para a cidade de Imbituva que, apesar dos silenciamentos, mostrou-se autônoma em relação às instituições oficiais. Desta forma, mesmo que os registros fotográficos “oficiais” da capoeira imbituvense sejam ínfimos se comparados aos registros das danças tradicionais italianas e alemãs, ainda assim não devemos nos equivocar fazendo um balanço que estabeleça a capoeira como arte e cultura menor que aquelas. Assim sendo, a capoeira se manteve na cidade de Imbituva a partir dos seus próprios recursos, traçando uma história independente.

⁵¹ O conceito de tática e estratégia foi proposta por Certeau em sua obra *A Artes de fazer: invenção do cotidiano* (1998), onde ele define que a estratégia é a imposição de significados, que pretende determinar os receptores, de modo a construir sujeitos passivos e a tática é o conjunto de operações que burla essas determinações. (CERTEAU, 1998).

FONTES

Entrevistas

Entrevista concedida a Jeferson do Nascimento Machado pelo Prof. de capoeira Josni Nogosek Ferreira dos Santos, 30 anos, no dia 13/04/2015, na cidade de Imbituva/Pr. Duração 45min14seg. UNICENTRO/Pr.

Entrevista concedida a Jeferson do Nascimento Machado pelo Prof. Daniel Dias, 61anos, no dia 18/04/2015, na cidade de Imbituva/Pr. Duração 44min09seg. UNICENTRO/Pr.

Entrevista concedida a Jeferson do Nascimento Machado pelo Sr. Jeverson Santos, no dia 13/04/2015, na cidade de Imbituva/Pr. Duração 21min37seg. UNICENTRO/Pr.

Entrevista concedida a Jeferson do Nascimento Machado pelo Prof. Valdecir Borgo, 40 anos, no dia 18/04/2015, na cidade de Imbituva/Pr. Duração 39min30seg. UNICENTRO/Pr.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBERTI, Verena. **Manual de História Oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

BATISTELLA, Alessandro. O Paranismo e a invenção da identidade paranaense. **Revista Eletrônica História em Reflexão**, 2012.

BOM MEIHY, José Carlos Sebe. **Manual de História Oral**. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

BOURDIEU, Pierre e BOURDIEU, Marie-Claire. **O camponês e a fotografia**. Curitiba: Revista de Sociologia e Política, 2006.

BRESSER-PEREIRA, Carlos Luiz. **Getúlio Vargas: o estadista, a nação e a democracia**. São Paulo: FGV-EESP, 2009.

CAMPOS, Hélio. **Capoeira Regional: a escola de Mestre Bimba**. Salvador: EDUFBA, 2009.

CASTRO, Mauricio Barros de. **Na Roda do Mundo: Mestre João Grande entre a Bahia e Nova York**. São Paulo: USP, 2007.

CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 1998.

FONSECA, Vivian. **A capoeira contemporânea: antigas questões, novos desafios**. Rio de Janeiro: CPDOC/ Fundação Getúlio Vargas, 2008.

FREIRE. Roberto; MATA, João da. **Corpo a corpo (síntese da soma)**. Sem editora, 1993.

KOSSOY, B. **História e Fotografia**. 2. ed. São Paulo, Ateliê Editorial, 1989.

KOSSOY, Boris. **Realidades e ficções na trama fotográfica**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Unicamp, SP: 1998.

MACUL, Vinícius Marcus Santana. **Capoeira: luta de resistência à violência**. Rio de Janeiro: Boletim Interfaces da Psicologia da UFRuralRJ, 2008.

MARTINS, José de Souza. A imagem incomum: a fotografia dos atos de fé no Brasil. In **Estudos Avançados**. V. 16, nº45, São Paulo, Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo, maio/agosto de 2002.

MARTINS, José de Souza. **Sociologia da fotografia e da imagem**. São Paulo: Contexto, 2009.

NASCIMENTO, Fábio Oliveira. **A Capoeira Angola: do ostracismo à mundialização – conformações de um processo (1980-2006)**. Salvador: UcSal, 2007.

SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. **A prisão dos ébrios, capoeiras e vagabundos no início da Era Republicana**. TOPOI, 2004.

SERGIPE, Mestre. **O Poder da Capoeira**. Curitiba: Imprensa oficial, 2006.

SOARES, Carlos Eugênio Líbano. **A capoeira escrava e outras tradições rebeldes no Rio de Janeiro (1808-1850)**. Campinas: EDUNICAMP, 2001.

STADLER, Cleusi T. **B.A Avenida 7 de Setembro (Imbituva/Pr) entre Fotos e Fatos: 1906-1940**. São Leopoldo: Encontro Estadual de História – ANPHU, 2014.

VIEIRA, Sergio Luiz de Souza. **Capoeira: Matriz Cultural para uma Educação Física Brasileira**. São Paulo: PUC-SP, 1997.